

No rastro dos nossos primeiros índios Uma viagem arqueológica pela pré-história de Minas

Gabi SANTOS

O estudo promovido pelo naturalista dinamarquês Peter Lund na região de Lagoa Santa, a partir de 1834, é um marco divisorio no conhecimento da pré-história de Minas Gerais. Antes, o que se sabia sobre o assunto era igual a zero. Depois que o cientista deu por encerrado um longo período de pesquisas, os acadêmicos puderam reunir um vasto acervo de conhecimentos e matéria-prima da Paleontologia e a pré-história mineira.

Lund foi o precursor desses estudos em Minas e apesar de o Brasil possuir regiões ricas em perspectivas de estudos, considera-se, nos meios acadêmicos, que a pré-história mineira é uma das mais estudadas. O que se sabe e o que existe por ser descoberto colocam Minas Gerais entre os Estados mais adiantados em termos de paleontologia. Mesmo assim, e esta é a realidade, o pouco apelo para a formação de novos cientistas na área e a existência de poucos recursos oficiais para a formação de grupos de estudos e pesquisas de campo concorrem para que o Brasil tenha poucos arqueólogos. Em Minas, grande parte da população nem sabe o que dizer a palavra arqueologia.

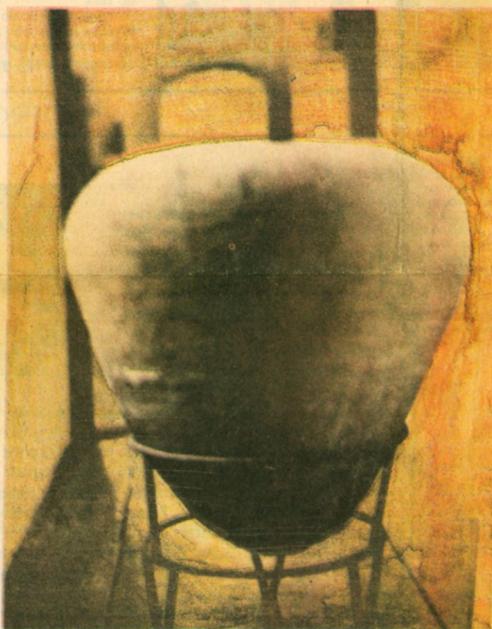
Mais de cem anos depois de Lund atravessar todo um oceano e, na América do Sul se interessar pela pré-história, agora a Universidade de São Paulo, por seu Museu de Antropologia acompanha, com interesse, os trabalhos que se desenvolvem no interior de Minas, na busca de novas descobertas. Márcia Angelina Alves, com seu trabalho "Análise cerâmica: estudo tecnopológico", está comandando um trabalho de reconstrução da pré-história mineira no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Ela considera que esses trabalhos podem ir longe e surpreender pela riqueza de conhecimentos sobre os habitantes do Estado da era pré-cabralina:

— "A pré-história de Minas é um dos campos mais bem estudados na arqueologia brasileira. Temos que lembrar que a região arqueológica de Lagoa Santa, descoberta por Lund, foi estudada por equipes franco-brasileiras na década de 70, existindo publicações especializadas sobre o assunto. E pelo que foi encontrado em termos de material de estudo e pesquisa, a região pode ser considerada de grande importância, não só para o levantamento sobre o passado de Minas como, de resto, do Brasil".

Agora, a datação de amostras do acervo recolhido no sítio Prado, no município de Perdizes, no Alto Paranaíba, indica que 460 anos antes do desembarque de Cabral em Porto Seguro, existiam tribos assentadas em Minas. A pesquisa comandada por Márcia Angelina, enquanto aprofunda conhecimento na medida em que se escavam solos arqueológicos, pode avançar também no tempo, em sentido contrário. Os pesquisadores acreditam que com o prosseguimento dos trabalhos outros assentamentos humanos remotos poderão aflorar inesperadamente. As pesquisas se alastram e chegam ao município de Centralina, em Minas, onde, na fazenda Paiolão, de propriedade do ex-prefeito de Uberlândia, Zaire Resende, foram encontrados vestígios arqueológicos em



Fragmento de pedra trabalhada da pré-história mineira



Uma urna funerária do sítio Silva Serrote

uma área de cinco mil metros quadrados.

Em Centralina, a equipe de Márcia Angelina reuniu comprovações da existência de pelo menos cinco "casas" habitadas por índios e até uma oficina onde se manufacturavam artefatos para a caça e a pesca. Foi em Paiolão que se encontrou um desses instrumentos, uma machadinha, um dos mais valiosos objetos até agora reunidos nas escavações iniciadas em setembro do ano passado.

— "O nosso projeto visa sobretudo detectar as origens do homem em Minas Gerais, sobretudo nas regiões do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro, assegura a cientista Márcia Angelina. Até agora já escavamos quatro sítios, dois para teses, em Prado e Guimarães, localizados no Vale do Alto Paranaíba. Um dos aspectos importantes da questão é saber se esses grupos humanos eram fixos ou se deslocavam de tempos em tempos, em busca de novos assentamentos. Porque, acredito, é possível que tais tribos mantinham o costume de constantes deslocamentos. Por isto teremos que verificar se tais mudanças ocorreram através do rio Paranaíba, que na época seria o equivalente a uma movimentada estrada para migrações. Isto em grande ou pequena escala, com a utilização de seus afluentes."

As pesquisas até agora rea-



Arqueóloga Márcia Angelina pesquisa em Minas

do e estudado em Minas. Segundo suas referências, as escavações e os estudos dos vestígios arqueológicos representam o começo do trabalho de campo em sítios a céu aberto, em amplas superfícies, adaptadas às condições brasileiras. De acordo com os estudos existentes, o sítio localizado no município de Perdizes foi o que mais produziu vestígios cerâmicos, permitindo a conclusão de que na região existiu uma comunidade indígena ceramista, de preferência, mas que conservava técnicas de lascamento e polimento. O homem pré-histórico da aldeia se valeu da argila dos córregos próximos aos sítios para a confecção de cerâmica.

Segundo as conclusões dos estudos feitos até agora, relativos ao sítio Prado, em Minas, as escavações desenvolvidas em Perdizes basearam-se no método de pesquisas em superfícies amplas, que evidenciaram a existência da aldeia pré-histórica constituída por sete manchas escuras, de formas ovaladas, comprovações distintas de habitações indígenas.

Além dessas habitações rústicas, as pesquisas detectaram também duas fogueiras, uma no interior de uma dessas manchas escuras, o que comprovou a utilização do fogo em uma cabana, e vestígios exteriores. Esses primeiros trabalhos realizados no sítio Prado demandaram três campanhas de pesquisas de campo, desenvolvidas em julho de 1980, 1981 e 1983, com seus resultados reunidos em artigo científico na Revista do Museu Paulista.

Os primitivos habitantes do sítio Prado, além da preocupação com a segurança coletiva, observavam as possibilidades de aproveitamento dos recursos naturais da região. Eram pescadores nos córregos Engenho Velho e Olegário, utilizando a rede fluvial das imediações e o rio Quebra Anzol e seus afluentes para mudanças em busca de outros microambientes. Grande parte da manufatura era possibilitada pela argila, areia e outros materiais encontrados nesses cursos de água. Outro recurso era o de se utilizar pedras para a confecção de artefatos lascados e polidos, para a agricultura.

Índios em Guimarães

Outro povoamento indígena existiu no sítio arqueológico de Silva Serrote, no município de Guimarães, no Triângulo Mineiro. As pesquisas de campo indicaram uma povoação com cerca de 30 habitações, localizada nas proximidades do

córrego Bebedouro. Esses primitivos habitantes da região, da mesma forma que os de Prado, se utilizavam dos córregos e rios da região para mudanças de povoações, mas se valiam da pesca nos córregos Bebedouro, Pontezinha e rio Espírito Santo, enquanto os sedimentos desses cursos fluviais eram também utilizados para a confecção de cerâmicas.

Esses habitantes utilizavam rochas e minerais para lascar a pedra não existindo, ainda, comprovações da prática da agricultura. Preocupavam-se com o aldeamento em lugar privilegiado para visualização da região, fator primordial de segurança coletiva e a captação de suprimento de água e seu escoamento durante os períodos chuvosos.

Outros sítios

As equipes orientadas pela professora Márcia Angelina estão agora aumentando o campo de pesquisas e no município de Centralina, no Estado de Minas. Ali, nada menos que cinco mil metros de terreno foram preservados para estudos e as primeiras escavações foram realizadas em setembro do ano passado. Para esses trabalhos foi decisiva a contribuição do proprietário da área, situada na fazenda Paiolão. No local foram recolhidos inúmeros fragmentos importantes e que permitem o estudo de cinco "casas", uma oficina de lascamento, considerando-se que novas e importantes descobertas poderão ocorrer.

A pesquisadora da USP se preocupa, atualmente, com o prosseguimento dos trabalhos de campo no novo sítio Inhazinha, em Perdizes, com um total de 1.500 metros quadrados de terreno. Ali foram encontrados vestígios que comprovam a existência, na pré-história do Brasil, de pelo menos quatro habitações. Foram recolhidos 650 fragmentos de cerâmica, dez artefatos inteiros, além de uma urna funerária contendo restos mortais de um menino com aproximadamente 13 anos. As buscas científicas permitiram ainda o recolhimento de 150 peças lascadas e outras 30 polidas.

O município de Perdizes, em Minas, foi o mais beneficiado pelas pesquisas, possuindo agora um recém montado Museu de Arqueologia. Os cientistas decidiram, pelo apoio que receberam da prefeitura local, dedicar a tese de doutorado ao ex-prefeito local, João Custódio da Silva.

